

Igreja, lugar de



REFÚGIO

**Acolhimento e integração  
a refugiados na igreja local**

## Realização:



## Apoio:



A Sociedade Bíblica Internacional

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. PROIBIDA A VENDA.**  
*Direitos autorais pertencentes à Associação Educacional e Beneficente Vale da Bênção e seus respectivos autores.*

©2021. AEBVB - Associação Educacional e Beneficente Vale da Bênção  
Rua Bom Pastor, 300 - Vale da Bênção, Araçariçuama - SP

### Coordenação:

Débora Lília dos Santos Fahur  
Tércio Sá Freire de Oliveira  
Riziely Novato Herrera  
Ronald Neptune

### Editores:

Riziely Novato Herrera  
Ronald Neptune

### Autores:

Abner Morillas  
Adriane R. Vieira  
Amauri Oliveira  
Débora L. S. Fahur  
Erick Perez  
Mayra do Prado  
José Prado  
Ronald Neptune  
Tércio S. Freire O.  
Terezinha Ap. L. Candieiro

### Revisão Textual:

Vanilde de Fátima Garcia

### Projeto Gráfico e Diagramação:

Thiago Temoteo Braga

### Impressão:

Gráfica Grafar - Rua Rui Barbosa,  
85 - Centro, São Roque - SP,

Há 35 anos transformando vidas!



## PROGRAMA RECONSTRUIR APOIO A FAMÍLIAS REFUGIADAS

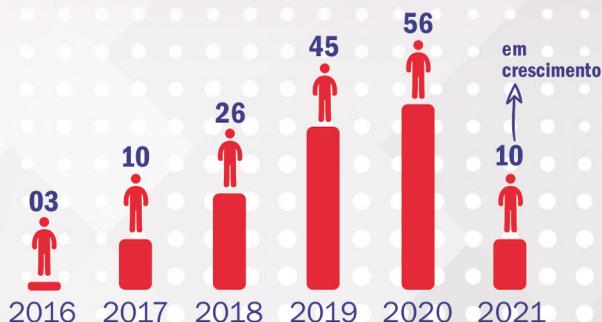
Desde 2016 a AEBVB acolhe famílias refugiadas por meio do Programa Reconstruir. Já recebeu famílias do Oriente Médio, África e América Latina. Atualmente temos recebido um grande número de famílias venezuelanas.

## Famílias em Movimento

Acolhimento familiar extensivo (apoio a Famílias que passaram pelo Programa Reconstruir e outras famílias refugiadas nos municípios próximos de Araçariçuama).

## NÚMERO DE ACOLHIMENTOS

No abrigo temporário do Programa Reconstruir



### Parceiros do Programa Reconstruir



### Apoio Institucional



# Prefácio

Motivados pela Palavra de Deus e pelo trabalho de acolhimento a refugiados no Programa Reconstruir, a Associação Educacional e Beneficente Vale da Bênção (AEBVB) inspirou-se a escrever esta cartilha **“Igreja, lugar de refúgio: acolhimento e integração a refugiados na igreja local”**. Há diversas passagens bíblicas, que nos impulsionam a agir em nome dos mais fracos de nossa sociedade.



Um desses textos bíblicos inspiradores é encontrado no livro de Provérbios 31: 8-9 NVI:  
**“Erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados. Erga a voz e julgue com justiça; defenda os direitos dos pobres e dos necessitados”.**

Dessa forma, somos, assim, ordenados pelas Escrituras a ser defensores daqueles que estão em situação comprometida. Como cristãos, não podemos escapar do fato de que Ele, nosso Pai celestial, está profundamente preocupado com o bem-estar dos vulneráveis e oprimidos. Logo, nós, como seus filhos, também devemos compartilhar o mesmo nível de preocupação.

No contexto dos refugiados, eles são representados, principalmente na Bíblia, como um dos maiores grupos vulneráveis; e, repetidamente, mencionados nas Escrituras através da expressão “o estrangeiro”. Os outros grupos de pessoas citados são os órfãos e as viúvas.



Deuteronômio 10: 18 NVI é um exemplo clássico:  
**“Ele defende a causa do órfão e da viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe comida e roupa.”**

Estamos convencidos de que a Igreja, nesta dispensação, assim como os filhos de Israel no Antigo Testamento, é a responsável por cuidar, amar e tratar os pobres e necessitados como a iguais.



Levítico 19: 33-34 NVI nos traz essa instrução:  
**“Quando um estrangeiro viver na terra de vocês, não o maltratem. O estrangeiro residente que viver com vocês será tratado como [israelitas].”**

Em outras palavras: Não maltratem os refugiados que vivem na terra de vocês. Eles devem ser tratados como se fossem brasileiros.

**“Igreja, lugar de refúgio: acolhimento e integração a refugiados na igreja local”** é uma compilação de pequenos textos escritos por teólogos, missionários e profissionais; organizada pela AEBVB. A cartilha fornece um guia prático para acolher famílias de refugiados em nossas igrejas locais, com o propósito de mostrar o amor de Deus por Sua criação, protegendo, cuidando e amando os necessitados.

Nosso objetivo é sensibilizar as igrejas locais e a sociedade civil em geral em prol dos refugiados; refutar a xenofobia e a discriminação; promover compaixão, misericórdia, graça e integração da população refugiada com comunidades de fé que atendem a migrantes.

Uma das formas encontradas, para cumprir essa meta, foi comissionar colaboradores de diferentes

pontos geográficos para escreverem esta cartilha; pois, com suas experiências, metodologias e abordagens diferenciadas em relação ao mesmo desafio, certamente, proporcionarão uma riqueza de informações úteis e práticas para os nossos leitores. São temas específicos de interesse de nossos parceiros; também, com uma dose de encorajamento; tendo como público-alvo, principalmente, as igrejas; e, num segundo momento, ongs e ministérios cristãos.

Cada autor desenvolve o tema “acolhimento e integração a refugiados na igreja local”, abordando aspectos importantes que são necessários para o sucesso desta empreitada. No final de cada capítulo, existem quatro **Convites à Ação que são: Orar, Meditar, Refletir e Agir.**

Nosso sincero desejo é que cada leitor seja motivado a receber refugiados em suas vidas e comunidades de fé; que compartilhem o amor de Cristo com eles; que não se esqueçam das circunstâncias que os forçaram a deixar sua terra natal e cultura, a fim de buscar sobrevivência em nosso país; que as igrejas locais estejam de braços abertos e prontas para recebê-los.

### **Ronald Neptune**

*Missionário e capelão do Programa Reconstruir*

*Associação Educacional e Beneficente Vale da Bênção - AEBVB.*



# Índice

**04** Prefácio

**07** Introdução

O papel da igreja em relação ao contexto atual da situação dos migrantes e refugiados

**09** **Capítulo 1** Migrações e o mandato bíblico.

**12** **Capítulo 2** As fases na jornada dos refugiados antes de chegarem à igreja.

Realidades e desafios que confrontam a igreja no processo de acolhimento a migrantes e refugiados

**15** **Capítulo 3** Movimentos da Igreja Cristã em direção ao migrante e refugiado.

**18** **Capítulo 4** A Hospitalidade bíblica como antídoto para a xenofobi.

Ferramentas para que a igreja atenda às necessidades dos migrantes e refugiados de forma estratégica

**21** **Capítulo 5** Construindo resiliência diante dos desafios: compaixão na crise.

**24** **Capítulo 6** Um lugar seguro para crianças e adolescentes.

Boas Práticas de acolhimento e integração de migrantes e refugiados na igreja

**27** **Capítulo 7** Abordagens conceituais e práticas para o acolhimento de famílias refugiadas e sua integração local.

**30** **Capítulo 8** Refugiado e igreja: aprendizados para promover interdependência no processo de acolhimento.

**33** **Capítulo 9** Experiência de acolhimento na Comunidade Evangélica Vale da Benção em São Roque/SP.

**35** **Curso Online: Igreja, lugar de refúgio**

**36** **Famílias acolhidas, igrejas transformadas**

**37** **Referências bibliográficas**

**Segundo o CONARE- Comitê Nacional para os Refugiados do Ministério da Justiça e Segurança Pública, em parceria com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), atualmente o Brasil tem 102 nacionalidades diferentes com pedidos de solicitação de refúgio (sendo as principais de venezuelanos, sírios, congolezes, cubanos e haitianos).**

Fonte: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>

Além disso, o Brasil é tradicionalmente receptor de outras dezenas de nacionalidades, que se fixaram como imigrantes ao longo dos séculos pelas ondas migratórias (europeus, africanos e asiáticos).

## Introdução

Que bom que você chegou até este material. Isso significa que está interessado em saber mais da temática. Você está prestes a mergulhar em um assunto simples e ao mesmo tempo complexo. Simples porque, como cristãos, temos a Palavra de Deus que nos orienta a amar o estrangeiro; e, complexo porque, diante das centenas de culturas que nosso país recebe, a tarefa de acolhimento perpassa por muitas outras questões em paralelo.

A igreja brasileira, tanto católica quanto evangélica, não tem ficado passiva em meio às necessidades dos refugiados. Os católicos, desde a década de 1930, através da missão Scalabriniana, têm feito um trabalho exemplar, além da Cáritas em diversas regiões. Entre os evangélicos, o trabalho vem ganhando força desde 2010 com a crise no Haiti e na Síria. Gradativamente, agências missionárias, ONGs cristãs e igrejas em diferentes cidades têm se envolvido no apoio aos refugiados .

Outros órgãos importantes corroboraram para o acolhimento de migrantes e refugiados, como a OIM - Organização Internacional Para As Migrações e o ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. O Brasil foi um dos primeiros países integrantes do Comitê Executivo do ACNUR na década de 1950. Atualmente têm trabalhado em conjunto com a Operação Acolhida (força-tarefa humanitária criada pelo Governo Federal em 2018) para o acolhimento e interiorização de venezuelanos que chegam nas fronteiras. Por meio do trabalho destes órgãos, muitas igrejas e ONGs cristãs foram se unindo nesta importante tarefa de acolhimento.

Nesta cartilha, trouxemos alguns temas importantes que aprendemos na caminhada com o Programa Reconstruir - Apoio a famílias refugiadas, em outros programas da AEBVB e também no contato com as igrejas e organizações. Uma lição é que “nem tudo são flores”; há problemas e dificuldades que nos chamam a uma melhor preparação para esta missão com migrantes e refugiados; pois, muito além de acolhê-los em sua chegada, existe a necessidade de ajudá-los a se integrar na comunidade brasileira e a se tornarem cada vez mais “escritores de sua própria história”.

Para ajudar neste processo de aprendizado, trouxemos quatro perspectivas da temática de forma que

<sup>1</sup> PRADO, José. *Refugiados: a diáspora forçada e a igreja no Brasil*. OLIVEIRA, Jairo de. *Refugiados, Peregrinos e Forasteiros: a igreja respondendo ao desafio mundial da migração*. Londrina: Descoberta, 2017. P.43-57,

<sup>2</sup> A maioria dos abrigos em Roraima são coordenados em parceria com organizações religiosas como os mórmons, adventistas, evangélicos e católicos.

você se contextualize e também tenha estratégias para começar alguma ação em sua igreja. Elas estão divididas por cores ao longo da cartilha, de forma que na “caminhada de leitura” você construa seus novos aprendizados.

O papel da igreja em relação ao contexto atual da situação dos migrantes e refugiados.

Realidades e desafios que confrontam a igreja no processo de acolhimento a migrantes e refugiados.

Ferramentas para que a igreja atenda às necessidades dos migrantes e refugiados de forma estratégica.

Boas Práticas de acolhimento e integração de migrantes e refugiados na igreja.

Sugerimos que leia os capítulos por partes. Aproveite para se aprofundar nos “convites à ação” no final de cada capítulo. Pode ser uma oportunidade para dialogar em pequenos grupos, fazer pesquisas extras na internet ou alguma outra proposta que seja confortável para absorver os conteúdos. Esperamos que sua caminhada de leitura seja abençoadora.

Boa leitura!

*Programa Reconstruir - Associação Educacional de Beneficente Vale da Bênção - AEBVB*

## ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

# AS MIGRAÇÕES E O MANDATO BÍBLICO



*Quando um estrangeiro viver na terra de vocês, não o maltratem. O estrangeiro residente que viver com vocês será tratado como o natural da terra. [...]*

*Levítico 19:33.34 NVI*

## Mayra do Prado

A descrição, ou a própria visão, da realidade que as pessoas refugiadas no mundo enfrentam, pode ser esmagadora para quem entra em contato com ela pela primeira vez. Diante de tantos problemas no mundo, como: guerras, doenças, fome e pobreza, tomar consciência de uma dimensão tão cruel do sofrimento humano – que atinge 26 milhões de pessoas atualmente – em geral, traz a sensação de total impotência.

No decorrer dos parágrafos seguintes, exporemos a crueza dessa realidade em representação numérica, para que compreendamos o tamanho do desafio que se apresenta diante de nós.

No entanto, importa reforçar que a razão de estarmos elucidando esse fato, não tem o intuito de provocar sentimento de desesperança; antes, de conscientização, a fim de tirar a igreja brasileira de sua “zona de conforto”; para que todos nos posicionemos como instrumentos de transformação, pois para isso fomos chamados.

Quando falamos sobre guerras e conflitos internos, costumamos considerar apenas os efeitos do combate em si, em detrimento de suas consequências a médio e longo prazo. Além disso, ocorrem as catástrofes naturais e crises políticas em diversos países; sendo, essas, as principais razões pelas quais milhões de pessoas se obrigam a abandonar suas casas; ficando, assim, expostas à fome, à pobreza, sem saneamento básico por períodos prolongados; e, por conseguinte, inúmeras crianças impedidas de acesso à educação básica.

A crise migratória, que hoje vivemos, é resultado da combinação dessas causas, e é considerada a maior desde a Segunda Guerra Mundial. De acordo com a ACNUR, até o final de 2019, havia mais de 79 milhões de deslocados no mundo.

<sup>3</sup>ACNUR. *Global Trends: forced displacement in 2019*. Disponível em:

[https://www.unhcr.org/5ee200e37/#\\_ga=2.94781727.2000290583.1614218050-286205055.1595344225](https://www.unhcr.org/5ee200e37/#_ga=2.94781727.2000290583.1614218050-286205055.1595344225). Acesso em 24 fev. 2021

Desse total, 45,7 milhões são deslocados internos (pessoas que deixaram suas casas, porém permanecendo no mesmo país), 26 milhões são pessoas refugiadas e 4,2 milhões são solicitantes de refúgio. É importante ressaltar, ainda, que 50% dos refugiados são crianças e jovens de até 18 anos.

Mas, afinal, quem são os refugiados? De acordo com a Convenção de 1951, referente ao Estatuto dos Refugiados, são pessoas que estão fora do seu país de origem por causa de fundados temores de perseguição relacionados à raça, à religião, à nacionalidade, ao pertencimento a um grupo social ou opinião política. São indivíduos comuns, os quais tiveram que deixar para trás suas propriedades, empregos, familiares e amigos; mas, com o objetivo de preservar sua liberdade, segurança e vida.

O Brasil possui uma legislação de refúgio considerada avançada e, atualmente, acolhe cerca de 49 mil pessoas refugiadas, das quais 94% são venezuelanos. O país adota um conceito mais amplo de refugiado, que inclui também todos aqueles que foram obrigados a deixar seus países de origem em razão de conflitos armados, agressão estrangeira, violência generalizada, violação massiva dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública.

Além disso, em 2017 foi sancionada a nova Lei de Migração no Brasil, que substituiu o “Estatuto do Estrangeiro” (criado durante a ditadura militar) e, que, embora ainda seja considerada insuficiente, facilita o processo de regularização da situação migratória dos estrangeiros e permite a concessão de vistos humanitários, entre outras coisas.

No “mundo das migrações”, existem várias definições para se referir à situação migratória das pessoas, como: solicitante de refúgio, refugiado, apátrida, deslocado interno, migrante, asilado, exilado, entre outras. Não nos aprofundaremos neste assunto, mas é importante reconhecer a existência desses termos e suas diferenças, a fim de utilizá-los da forma correta e evitar equívocos que podem impactar ações e, em última instância, decisões políticas.



Agora, tendo maior clareza acerca do contexto migratório atual, precisamos nos perguntar:

**O que Deus espera de nós em relação às pessoas refugiadas e migrantes em situação de vulnerabilidade?**

**Que diferença nosso trabalho pode fazer nas vidas de tantos milhões que vivem nessa situação?**

Começo lembrando de Bob Pierce, fundador da Visão Mundial, que disse certa vez: “**Não deixe de fazer algo, simplesmente, porque você não pode fazer tudo**”. As Escrituras nos revelam um Deus que lida com enormes multidões, mas que conhece cada pessoa de sua Criação pelo nome. Portanto, é justamente nisso que devemos nos firmar: cada um de nós e cada pessoa refugiada, somos criados à imagem de Deus e amados por Ele.

<sup>4</sup>Alto Comissariado Das Nações Unidas Para Os Refugiados. 1996a. *Convenção relativa ao estatuto dos refugiados*. In: ACNUR. *Manual de procedimentos e critérios a aplicar para determinar o estatuto de refugiado*. Lisboa: ACNUR.

<sup>5</sup>Fonte: Plataforma Interativa de Decisões sobre Solicitações da Condição de Refugiado no Brasil. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiaNTQ4MTU0NGlYzNkMi00M2MwLWFhZWwtMDBiM211NWVjMTY5IiwidCI6ImU1YzM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTBlJTY1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOiJh9>>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

<sup>6</sup>BRASIL. Senado Federal. Lei 13.445, de 24 de maio de 2017. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Além disso, a Bíblia deixa bem claro qual deve ser o tratamento dirigido ao estrangeiro – ou a um refugiado: **“Quando um estrangeiro viver na terra de vocês, não o maltratem. O estrangeiro residente que viver com vocês deverá ser tratado como o natural da terra. Amem-no como a si mesmos”** . Também em Mateus 25.35-40 NVI, Jesus afirma que tudo o que é feito aos seus “menores irmãos”, isto é, ao estrangeiro, ao necessitado, ao enfermo e ao encarcerado, é como se fosse feito a Ele próprio.

Portanto, como parte da igreja de Jesus, somos interpelados pelo Evangelho e chamados a responder a essa realidade da mesma maneira que o próprio Cristo, nascido como um refugiado, nos ensina. E não somente isto. Deus tem nos dado o privilégio de cooperar em Sua Missão através do serviço às pessoas refugiadas e migrantes.

Por conta das guerras e das perseguições, infelizmente, eles continuarão chegando; então, que possamos estar atentos para compreender qual é nosso papel e atender a esse chamado de braços abertos, e acolher nossos “menores irmãos e irmãs”. Que a igreja brasileira seja sensível para ver, ouvir e acolher suas necessidades e que nosso testemunho seja: acolhemos, porque somos seguidores do Messias pacificador, porque O amamos e porque Ele nos ensina a amar a quem Ele ama; pois, também, somos estrangeiros e refugiados nesta terra.



## Convite à Ação

**ORAR:** Faça uma oração pelos milhões de deslocados no mundo.

**MEDITAR:** “Quando um estrangeiro viver na terra de vocês, não o maltratem. O estrangeiro residente que viver com vocês será tratado como o natural da terra.” [...] Lv 19: 33.34 NVI

**REFLETIR:** “Não deixe de fazer algo, simplesmente, porque você não pode fazer tudo” - Bob Pierce

**AGIR:** Que “algo” você e sua igreja podem fazer neste momento?



**Autora**  
**Mayra do Prado**

*Consultora em gestão de projetos sociais especializada na temática do refúgio. É bacharel e mestre em Relações Internacionais pela UNESP e, desde 2014, tem ajudado a criar e desenvolver projetos voltados para acolhimento e integração de refugiados, como o Programa LAR, da Associação Compassiva, e o Projeto Sopro de Esperança, da Road of Hope Foundation, na Holanda. Em 2020, fundou o projeto Cidades de Refúgio, que oferece capacitação em gestão e inspiração para projetos sociais com refugiados e, atualmente, está como assessora em gestão de projetos de crowdfunding da Visão Mundial. Mayra vive em São Paulo e é membro da Igreja Batista de Água Branca (IBAB).*

# 12 AS FASES NA JORNADA DOS REFUGIADOS ANTES DE CHEGAREM À IGREJA

“Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos. Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. [...] Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito.

Colossenses 3:11-14 NVI

## Adriane Ribas Vieira

No trabalho com refugiados, é muito importante conhecer e compreender as pessoas que estão chegando em busca de segurança e refúgio. Cada pessoa acolhida vivenciou diferentes realidades, desafios; e, superou diversas barreiras para chegar até o Brasil. Independente do que a motivou a sair do seu país, houve fatores fortes e graves o suficiente para que a fuga se tornasse a única opção possível (CHUEIRI; CÂMARA, 2010).

**Pode-se destacar três fases na jornada por refúgio, a partir do momento em que se percebe sua necessidade até a chegada ao Brasil e à igreja. São elas: Pré Migração, Migração, Pós Migração** (ANTUNES, 2017; KIRMAYER et al., 2011).

**A Pré migração** é a fase ainda no país de origem, onde estarão presentes situações difíceis de perseguição e violência e agitação. Devido a esses conflitos enfrentados, tendencialmente, há um período de instabilidade na educação, com fechamento de escolas e perdas de emprego. Pode haver situações de ameaça à segurança individual e familiar, violência, fome, supressão da moradia e dos meios de subsistência. Além disso, pode ocorrer a perda de familiares e amigos, a ruptura de suportes sociais e redes de apoio (ANTUNES, 2017; KIRMAYER et al., 2011). Diante dessas situações, toma-se a difícil decisão de fugir, por vezes, sem tempo de planejamento e sem a possibilidade de levar muitos objetos pessoais.

**A segunda fase, a Migração, acontece logo após a decisão de partir,** com o desafio de deixar a casa, a família e os amigos para trás. Neste momento, há o abandono do país e a busca por um novo lugar, onde possa estar em segurança. A jornada por um local seguro envolve, em muitos casos, rotas difíceis (a pé, de barco, carro, avião), de longa duração, com riscos de vida e condições complicadas. Pode haver exposição à violência, períodos em campos de refugiados, má alimentação e poucos recursos. Esta fase é marcada por situação de vulnerabilidade, e incertezas sobre o futuro e sobre o resultado desta jornada (ANTUNES, 2017; KIRMAYER et al., 2011).

**A Pós-Migração é a chegada ao novo país, como ao Brasil. Esta é a fase em que as pessoas acolhidas estão vivenciando ao chegar na igreja.** Ela é caracterizada pela busca de um novo lar, por acesso aos cuidados de saúde, pela regularização de documentos e por um novo emprego. A necessidade de aprendizagem da língua portuguesa, da compreensão da nova cultura e das novas leis, estão bem presentes. Em muitos casos, há o desafio de ter acesso aos serviços, experiências ruins de discriminação e a falta de uma rede de apoio (ANTUNES, 2017; KIRMAYER et al., 2011).

A cada uma destas fases estão ligadas diferentes realidades, desafios e barreiras; e, é muito importante conhecê-las e compreender a jornada vivida pelas pessoas que estão chegando, para poder melhor cuidar, acolher e integrá-las (ANTUNES, 2017).

Além disso, é importante compreender que o processo da busca de um refúgio, a jornada enfrentada, assim como a forma com que cada pessoa irá viver e reagir diante deste percurso, é individual e muda de pessoa para pessoa (SILVA; CREMASCO, 2015). **Cada uma irá vivenciar essa jornada de forma diferente, de acordo com sua história, sua cultura, suas crenças, sua forma de ver e compreender o mundo; por isso, é necessário estar aberto e sensível para conhecer quem está chegando de uma forma específica e única.**



### **Como estar sensível às pessoas que estamos a acolher?**

- Busque conhecer a realidade vivenciada pelas pessoas refugiadas e seu país de origem; reflita sobre a jornada vivida até chegarem ao Brasil;
- Busque conhecer a pessoa que está chegando na sua igreja. Qual sua história? Qual foi seu percurso? Quais são seus sonhos e desejos?
- Esteja atento às especificidades presentes no grupo que está sendo acolhido, como: gênero, faixa etária, nacionalidade, religião. Quando falamos em 'refugiados', tendencialmente, pensamos em um grupo único em movimento (FAIST, 2018); mas não se trata de um grupo homogêneo. Por isso, é muito importante pensar em ações que possam dar resposta a cada grupo em específico;
- Crie espaços de fala, escute as necessidades das pessoas que está acolhendo e pensem juntos em ações para um melhor acolhimento e integração no país. É fundamental que seja desenvolvida a autonomia das pessoas acolhidas e possibilitada a sua participação na tomada de decisões;
- Busque conhecer e respeitar a cultura do seu país de origem. A compreensão sobre o que é saúde/doença, certo/errado, as formas de pensar, serão sempre diferentes de cultura a cultura; por isso, é tão importante conversar e conhecer as pessoas acolhidas; permitir expressões culturais assim como explicar e apresentar a cultura do Brasil;

- Desenvolva estratégias de comunicação e, se possível, tenha um mediador linguístico e cultural, ou seja, uma pessoa que fale ambas as línguas e conheça as duas culturas para facilitar a comunicação (ANTUNES, 2017; KIRMAYER et al., 2011). Além disso, invista no ensino da língua portuguesa;
- Transforme a perspectiva, pois as pessoas em busca de refúgio não são vulneráveis. Ao longo da jornada, elas vivenciaram situações de vulnerabilidade, mas esta não é a sua identidade.

São pessoas fortes, corajosas, cheias de potencialidades e recursos e precisam ser acolhidas a partir desta compreensão.

O trabalho com pessoas refugiadas proporciona trocas muito significativas. Conhecer novas culturas, novas pessoas e construir pontes entre a igreja e os/as acolhidos/as possibilitará crescimento, oportunidades e enriquecimento social e cultural. Através da sensibilidade em conhecer as pessoas e suas singularidades, será possível ser refúgio e transformar essa jornada.



## Convite à Ação

**ORAR:** Ore para que você e sua igreja estejam sensíveis para compreender a jornada do refugiado.

**MEDITAR:** “Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos.  
CI 3:11 NVI

**REFLETIR:** “...as pessoas em busca de refúgio não são vulneráveis. Ao longo da jornada, elas vivenciaram situações de vulnerabilidade, mas esta não é a sua identidade. São pessoas fortes, corajosas, cheias de potencialidades e recursos; e precisam ser acolhidas a partir desta compreensão.

**AGIR:** Há algum migrante ou refugiado próximo a você? Que tal conhecer sua história e trocar aprendizados?



**Autora**  
**Adriane Ribas Vieira**

*Mestre em Sociologia, pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE, 2018), especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG, 2015), bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR, 2013). Co-fundadora do Núcleo de Psicologia e Migrações, vinculado ao Conselho Regional de Psicologia do Paraná. Atualmente voluntária na organização Road of Hope, sendo uma das elaboradoras do projeto Breath of Hope, que visa o cuidado e suporte emocional de mulheres refugiadas na Holanda. Seu foco de estudos tem sido a relação entre saúde mental, gênero e refúgio.*

# MOVIMENTOS DA IGREJA CRISTÃ EM DIREÇÃO AO MIGRANTE E REFUGIADO



“Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. [...] Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram. Tenham uma mesma atitude uns para com os outros.  
Romanos 12:10-16

## Erick Pérez

É do conhecimento geral a situação de hostilidade vivenciada atualmente pelos migrantes e refugiados na América do Sul, com maior expressão na Colômbia, Peru, Equador, Chile e com alguns episódios no Brasil.

Enquanto igreja, devemos refletir sobre essa situação. O “estrangeiro” deve ser acolhido ou deve ser expulso? De qual forma a igreja pode intermediar ou se envolver para evitar a hostilidade ou a hospitalidade?

Para iniciar essa nossa reflexão, vejamos como a sociedade enxerga este fenômeno em relação à igreja. Mauricio Ambrosini, sociólogo e pesquisador italiano, comenta: **“A dimensão religiosa, após ter sido relegada ao esquecimento, voltou a ocupar uma alta prioridade no discurso sobre a integração dos imigrantes nas sociedades de acolhimento”**.

Ao mesmo tempo, tanto a psicologia como a sociologia tem dado muita ênfase sobre a importância da igreja na integração dos “estrangeiros”, dessa forma **“No que se refere aos recursos espirituais, as instituições religiosas têm fortalecido os migrantes com recursos materiais, na forma de assistência e sustento na dificuldade do processo de instalação; e, com recursos sociais, atuando como catalisadores e, não raramente, promotores de redes de relações baseadas na dupla filiação confessional e étnica”** (HAGAN e EBAUGH, 2003).



### Qual é a experiência da Igreja Cristã no decorrer da História?

A Igreja, no decorrer da História, construiu vários movimentos hospitalares como resposta de ação social e diaconia em relação ao cuidado com o “Estrangeiro-Peregrino”. Elementos de hospitalidade foram surgindo com o propósito de acolher o peregrino; pois observa-se, já nos

primórdios da Era Cristã, o surgimento das primeiras instituições dedicadas exclusivamente à prática da hospitalidade. Assim, Helena (244-330), mãe de Constantino, constrói os primeiros hospitais em Constantinopla; e, Basílio (331-379) constrói o primeiro hospital para leprosos e viajantes. Logo depois do surgimento dos mosteiros, nota-se a consolidação da hospitalidade dentro da igreja institucionalizada, pois na tradição monacal “[...] cada mosteiro é orientado a ter sua hospedaria ou, ao menos, um serviço de acolhida” (SCHAEFFER e OLIVEIRA, 2020).

Ao serem examinados alguns fatos históricos acontecidos na cidade de Genebra, sob a liderança do reformador João Calvino, verifica-se **um movimento de hospitalidade em favor do “Estrangeiro/Peregrino”**. Desse movimento, surgiram reformas sociais, políticas e eclesiais na cidade, as quais buscaram favorecer e cuidar dos refugiados, sempre com uma abordagem diaconal, com grande participação da igreja. Para Biéler (1990), o pensamento de Calvino expressa-se na ação hospitaleira desenvolvida em Genebra por meio dos Diáconos, uma vez que Calvino estabeleceu ordenanças e práticas para auxiliar os pastores e diáconos no seu labor social, não limitadas ao auxílio dos nacionais.

*O mundo passa por uma crise de rejeição contra o “estrangeiro”. Devemos lembrar que essa rejeição é um fenômeno antigo, porém muito presente na atualidade; e, sobre isso, Bauman (2017), comenta que: “Estranhos (estrangeiros) tendem a causar ansiedade por serem ‘diferentes’ – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar”.*

Para a Igreja de Cristo, ninguém é estrangeiro (Ef 2.19 NVI). E, sendo Igreja, podemos (e devemos) expressar o Amor de Deus para com os “Estrangeiros/Peregrinos” (Mt 25.43 NVI). Como missionário venezuelano no Brasil, nos últimos 6 anos, tenho percebido alguns **movimentos de acolhida nesta nação, tanto em grandes igrejas como nas menores**, que merecem ser lembrados nesta cartilha; pois, realmente, esse diferencial tem facilitado a integração de centenas de famílias imigrantes e refugiadas aqui. Vamos lá:

- 1.** Aproveite os espaços da sua igreja e ofereça aulas de português. Muitos irmãos têm vasta experiência no ensino escolar e universitário; que tal animá-los a ensinar o português para os recém chegados?
- 2.** Visite famílias e pessoas imigrantes e refugiadas com seu grupo de célula ou mesmo diaconal. Seja uma bênção para pessoas que se encontram longe de suas famílias e amigos; ore junto com eles e leve a esperança de Jesus Cristo.
- 3.** Sinta-se como no Pentecostes: inclua na sua liturgia louvores ao Eterno em espanhol, crioulo, haitiano, Árabe, Inglês, francês, entre outras línguas faladas pelos imigrantes aqui no Brasil.
- 4.** Inicie grupos de células e círculos de leitura da Bíblia em línguas estrangeiras. E, que tal, na caminhada, orar e orientar esses irmãos e irmãs de outros países sobre seus direitos no Brasil?

**5.** Organize mutirões: as famílias migrantes precisam de seu apoio para recomeçar! Faça mobilizações para arrecadar móveis e alimentos, selecionar roupas, entre outras ideias que venham a surgir. Lembre-se: não doe aquilo que você não quer mais porque não presta, ou aquilo que você precise colocar na frente a frase “Para quem não tem nada, tá bom”, isso talvez precise ser restaurado ou ir para o lixo.

**Vamos, como Igreja, ser embaixadores de Cristo. Não esqueça que, em nossas raízes cristãs, temos bons exemplos e experiências de hospitalidade. Que Deus te abençoe.**



## Convite à Ação

**ORAR:** Ore para a igreja brasileira estenda o movimento de hospitalidade ao estrangeiro/peregrino como nos tempos da Reforma. (Ex 22:21 NVI; 1 Pe 2:11 NVI)

**MEDITAR:** “Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. [...] Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram. Tenham uma mesma atitude uns para com os outros.” Rm 12:10-16 NVI

**REFLETIR:** Reflita e indague consigo mesmo e com outras pessoas: “Nós passamos por alguma crise de rejeição ao estrangeiro em algum momento? Quais os porquês de algumas palavras e ações nossas?”

**AGIR:** Alguns dos movimentos de integração citados podem ser aplicados na sua igreja? Avalie pelo menos uma possibilidade.



**Autor**

**Erick Pérez Ortuño**

*É venezuelano, missionário e seminarista da 2ª Igreja Presbiteriana de Maringá/PR.*

*Bacharel em Teologia pela Unicesumar.*

*Pesquisador sobre participação religiosa na integração de Refugiados e Migrantes Internacionais.*

*Presidente do Instituto Sendas.*



# A HOSPITALIDADE BÍBLICA COMO ANTÍDOTO PARA A XENOFOBIA

“Seja constante o amor fraternal. Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos. Hebreus 13:1-2 NVI

Pastor José Prado

O aumento da **intolerância** é uma das marcas do século 21. Antigos e novos radicalismos se mesclam, fragilizando o respeito, o diálogo e a possibilidade de uma convivência pacífica. As redes sociais potencializam tanto os discursos de ódio que, mais cedo ou mais tarde, acabam transbordando no dia a dia nas ruas. A eleição de líderes cada vez mais personalistas, com forte apelo ao nacionalismo e armamento, contrários às políticas humanitárias e migratórias, proibindo a imigração; expulsando e oprimindo minorias não nativas, construindo muros nas fronteiras e aprisionando até mesmo crianças em centros de detenção de estrangeiros, separando famílias já fragilizadas ao extremo; conformam o atual cenário, onde milhões são afligidos.

Uma das faces mais malignas desta intolerância é a **xenofobia** (do grego xeno – estrangeiro; fobia - medo), ou seja, o preconceito caracterizado pela irracional aversão ou, até mesmo, ódio aos estrangeiros.

***De certa forma, a xenofobia está ligada ao etnocentrismo e ao racismo, formados pelo sentimento de superioridade para com o outro diferente, seja cultural ou fisicamente. A xenofobia é nociva, não somente por sua irracionalidade como também porque, de forma covarde, constrange, humilha e fere física, moral e psicologicamente pessoas ou minorias vulneráveis. Ela fomenta a violência gratuita aos mais fracos.***

Nós, cristãos, em muitos países, somos vítimas desses preconceitos, os quais geram diferentes níveis de perseguição. Paradoxal e infelizmente, reconhecemos haver uma leitura bíblica equivocada em alguns locais, onde a igreja pode ser encontrada entre os apoiadores e promotores mais radicais destes preconceitos e ódio. Uma volta à Palavra se faz imprescindível.

***Etnocentrismo, xenofobia, racismo e ultranacionalismo nascem do orgulho e se materializam em idolatria. Ofendem a Deus e aos nossos semelhantes, criados à Sua imagem.*** O amor e devoção à uma bandeira, ao território, à cor de pele ou à cultura, que nos leva a menosprezar, segreguar, odiar nosso semelhante, é pecado.

## A hospitalidade evangélica é o antídoto para a xenofobia.

Cristo é a chave hermenêutica de toda a Palavra. Sendo Deus, ao invés de matar (justificadamente) pecadores, ele preferiu morrer para nos reconciliar com o Pai e nos salvar para sermos o povo da reconciliação. Ele destruiu todas as barreiras que separam os seres humanos, seja de gênero, classe ou etnia. Aos pés da cruz, todos, indistintamente, somos iguais. Essa mesma cruz nos convida a entregarmos em sacrifício vivo, num novo estilo de vida, para que uma nova comunidade de acolhimento seja edificada em meio às nossas cidades excludentes e injustas.

É a partir desse fundamento que falamos em hospitalidade. De forma simples, é acolher o outro, sendo “casa”; e, especialmente ao forasteiro, peregrino ou estrangeiro dando-lhe abrigo e um lugar à nossa mesa. Respeito, empatia e compaixão se unem na prática desta hospitalidade. No Novo Testamento, a palavra grega traduzida por hospitalidade é “filoxenia” (filos, amor; xenos, estrangeiro) “amor ao estrangeiro”. O oposto exato da xenofobia!

Nós, que somos urbanos ocidentais e valorizamos a **privacidade** e **comodidade**, somos desafiados a redescobrir e viver a hospitalidade evangélica. Só através de um ato intencional e sacrificial seremos capazes de vivê-la. Cura-nos, Pai!



### **Para isso, penso que seja necessário vencer alguns desafios:**

- a) Ver o outro como Deus o vê: portador de dignidade intrínseca;
- b) Ver a nós e nossos recursos, como Deus nos vê: agentes de reconciliação. Nossos recursos não são para nosso exclusivo desfrute, mas doados por Ele como meios para construirmos uma comunidade acolhedora, onde reine a justiça;
- c) Estar dispostos a tomar iniciativa e a pagar o preço de se expor, amar, acolher e servir; especialmente, ao estrangeiro vulnerável.

***O medo do forasteiro é natural. Baseia-se no instinto de preservação e no desconhecimento. Se conseguirmos vencer os desafios acima e dermos passos concretos em direção ao outro, seremos positivamente surpreendidos e recompensados.*** Sou testemunha de que, quando nos aproximamos do refugiado, compartilhando uma refeição, ouvindo sua história, brincando com suas crianças ou acompanhando-o ao hospital, vemos que são humanos como nós, com receios, sonhos e riquezas.

Ouçamos o apelo do autor de Hebreus, que disse: ***“Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos”. (Hb 13.2 NVI) Melhor ainda, porque, quando o acolhemos, sem perceber, estamos acolhendo ao próprio Cristo (Mt 25.35 NVI).***

## 20 DICAS PRÁTICAS

1. Seja uma voz de paz. Não seja parte do problema. Seja pessoalmente ou nas redes sociais, adote o discurso da reconciliação.
2. Busque o diálogo. Converse e ensine a doutrina sadia. Estudos, células, jovens, crianças, 3ª idade, todos devem participar e ouvir sobre a hospitalidade evangélica.
3. Identifique os estrangeiros no seu bairro. Tome a iniciativa, puxe conversa. Identifique necessidades e mobilize ações de socorro. Coloque-se à disposição para ajudar no que for necessário. Construa pontes, e não muros.
4. Seja exemplo. Seja o primeiro a valorizar, cumprimentar, socializar com o estrangeiro de sua rua ou com aquele que visita sua igreja.
5. Acolha os irmãos na fé, mas não somente isso, busque servir ao que carrega outra religião (muçulmano, budista, hindu etc.). Deixe que Cristo seja visto em sua vida.
6. Abra espaço para o encontro. A mesa é um símbolo poderoso de comunhão, de aceitação.
7. Lembre-se que a integração e a comunhão são o maior desafio.

A igreja foi chamada a amar. O amor lança fora todo medo.



### Convite à Ação

**ORAR:** Ore para que o povo de Deus seja o da reconciliação e da hospitalidade.

**MEDITAR:** “Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos.” Hb 13:2 NVI

**REFLETIR:** “A hospitalidade evangélica é o antídoto para a xenofobia”. Pr José Prado

**AGIR:** Quem são os estrangeiros em minha comunidade que posso intencionalmente conhecer, descobrir suas necessidades e responder com atos de amor?



**Autor**  
**Pastor José Prado**

*José Prado é pastor, conferencista, fundador do Instituto ABUNA, membro da liderança global e facilitador para América Latina da RHP - Refugee Highway Partnership. Vive em Maringá/PR.*



# CONSTRUINDO RESILIÊNCIA DIANTE DOS DESAFIOS: COMPAIXÃO NA CRISE



*Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações.*

*2 Coríntios 1:3-4 NVI*

**Pastor Abner Morillas**

Segundo a Estratégia Internacional para a Redução de Desastres das Nações Unidas (EIRD), as desestabilizações e os conflitos globais colaboram para que haja um aumento do sofrimento e dos prejuízos psicológicos, gerando consequências na saúde mental da população afetada.

Esse é o contexto de muitos refugiados. O impacto sofrido requer alguns princípios que, na psicologia, chamamos de Primeiros Socorros Psicológicos (PSP). O Instituto de Medicina Americano compreende os PSP como um grupo de habilidades identificado para limitar estresse e comportamento negativo de saúde que inclui, geralmente, educação sobre resposta psicológica normal para eventos estressantes e traumáticos, por meio de habilidades em: **escuta ativa, compreensão da importância de manter a saúde física e sono normal, alimentação e repouso, e compreensão de quando procurar ajuda de cuidadores profissionais.**

Os PSP também se propõem a encorajar o trabalho por meio do processo de reforço adaptativo do enfrentamento, ajudar vítimas a restabelecer um senso de domínio (auto eficácia), facilitar o acesso ao próximo nível de cuidado e **facilitar a reintegração social, comunicando o assim chamado 3 Cs de Confiança, Cuidado e Compaixão.**

Estes princípios podem ser, também, definidos como uma presença compassiva e solidária designada para mitigar sofrimento agudo e avaliar a necessidade de cuidados continuados da saúde mental. Os grupos de socorro para pessoas em situação emergencial são também chamados **grupos de compaixão.**

Um grupo de compaixão ou de socorro é formado por fiéis, ou seja, pessoas comuns que desejam servir e adorar a Deus por meio de seu serviço ao próximo. Não precisa, necessariamente, ser composto por profissionais da saúde, capelães, etc.



### Os propósitos dos grupos de compaixão na crise são:

- Encorajar as vítimas a avançar;
- Introduzir a esperança em suas vidas e em seus futuros;
- Ajudá-las a superar os estragos provocados pela crise ou catástrofe;
- Proporcionar compaixão e compreensão;
- Preguar o Evangelho – quando necessário, usar palavras.

A construção de relacionamentos intencionais, respeitosos e consistentes será uma das atividades bases. Para isto, seguem algumas orientações, a fim de ajudar nesse novo relacionamento: pessoas em situação de refúgio e a igreja local.

• *Escutar é mais que uma arte, é um exercício. Mantenha uma escuta ativa (observe as reações emocionais presentes > tente compreender a mensagem (verbal e não verbal) > dê sinais de que está prestando atenção > resuma e pontue o que foi dito pelo interlocutor (um retorno).*

## COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

1. Adote uma postura que convida ao envolvimento;
2. Abra a sua postura: braços cruzados etc, comunica o não-envolvimento;
3. Incline-se para a pessoa, mostrando interesse e preocupação;
4. Mantenha contato com os olhos; mantenha um olhar para a pessoa;
5. Relaxe, enquanto você se envolve com essa pessoa.

- Não tenha medo do silêncio. Às vezes, as expressões mínimas podem ajudar na escuta.
- O que dizer de início, obviamente, dependerá da situação. Geralmente, pode começar apresentando-se, explicando o que está fazendo e formulando uma pergunta inicial.
- Valorize o que a pessoa vai dizer. Muitas vezes, ao conversar com desconhecidos, nos adiantamos ‘Bem, eu sei o melhor para você’ ou ‘Bem, talvez você não saiba’.
- Acolha e seja empático. Evite julgamentos e opiniões precipitadas. Cada pessoa é única.
- O objetivo, na construção de um relacionamento, não é fazer interrogatório; mas, conversar e criar ligações que colaborem na adaptação da pessoa em sua nova realidade.
- Pensar em primeiros socorros psicológicos não é só uma forma de intervenção na crise do indivíduo; pense nisso, na perspectiva mais ampla de saúde pública, como uma forma de **construir a resiliência da comunidade**.



### O que é empatia?

- É a capacidade psicológica de tentar compreender sentimentos e emoções das outras pessoas.
- É a capacidade de compartilhar os sentimentos do outro.
- É a capacidade de entrar, de entender o mundo do outro; e, de comunicar esse entendimento de volta para a pessoa.

- É a capacidade de reconhecer e se identificar com os sentimentos dos outros.

**“Jesus chorou. “Jo 11:35 NVI**

A empatia é a resposta afetiva vicária a outras pessoas, ou seja, uma resposta afetiva apropriada à situação de outra pessoa, e não à própria situação.

**Na psicologia e nas neurociências contemporâneas, a empatia é uma “espécie de inteligência emocional” e pode ser dividida em dois tipos:**

**A cognitiva** - relacionada com a capacidade de compreender a perspectiva psicológica das outras pessoas;

**A afetiva** - relacionada com a habilidade de experimentar reações emocionais por meio da observação da experiência alheia.

A intenção, até aqui, não é apenas apresentar técnicas, como também convidar a todos que desejam ser de um grupo de compaixão, a oferecerem apoio interpessoal, ou melhor, uma conversa que ajudará pessoas a se recuperarem e se tornarem mais resilientes. Esta será, com certeza, uma bênção para a igreja e para os refugiados.



## Convite à Ação

**ORAR:** Ore para que a compaixão divina possa inundar os corações de sua igreja.

**MEDITAR:** “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, **com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações.**” 2 Co 1:3-4 NVI

**REFLETIR:** “**Primeiros Socorros Psicológicos** não é só uma forma de intervenção na crise do indivíduo; pense nisso na perspectiva mais ampla de saúde pública, como uma forma de construir a resiliência da comunidade.”

**AGIR:** Por que não pensar em possibilidades de formar um grupo de compaixão na sua igreja ou em parceria com outras igrejas? Rascunhe algumas ideias.



**Autor**

**Pastor Abner Morillas**

*Psicólogo, teólogo, Doutor em Psiquiatria pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Mestre em Ciências Médicas pela (FMUSP), especialista em Aconselhamento e Terapia Cognitivo Comportamental.*

*Formação em Primeiros Socorros Psicológico pelo Hospital Johns Hopkins (USA), em Coach Pessoal pelo IHD e ACC, Capacitação no Enfrentamento da Violência Doméstica (CECOVI-PUC); Prevenção ao Uso Indevido de Drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela UNIFESP.*

*Psicólogo Clínico e Oncológico no hospital IGESP, Professor nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, palestrante nacional e internacional.*

*Desenvolve trabalhos humanitários emergenciais em países em situação de catástrofe, pastor da área de aconselhamento da Primeira Igreja Batista de Santo André.*

# UM LUGAR SEGURO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Deus ouviu o choro do menino, e o anjo de Deus, do céu, chamou Haqar e lhe disse: “O que a aflige, Haqar? Não tenha medo; Deus ouviu o menino chorar, lá onde você o deixou. Levante o menino e tome-o pela mão, porque dele farei um grande povo Gênesis 17.18 NVI

Estima-se que

# 40%

das pessoas deslocadas no mundo são crianças e adolescentes (média de 30 - 34 milhões)  
Fonte: ACNUR

# 1 a cada 10

crianças no continente americano são migrantes  
Fonte: Unicef

## Terezinha Candieiro

A igreja local, como comunidade de fé, deve ser um lugar de amor, educação, cuidado, segurança e proteção para todas as crianças; especialmente, as mais vulneráveis, desamparadas, marginalizadas, migrantes, refugiadas.

A Bíblia nos exorta em Provérbios 31.8-9 NVI: “Erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados. Erga a voz e julgue com justiça; defenda o direito dos pobres e dos necessitados”. Quem são os maiores necessitados na sociedade atual, senão as crianças e adolescentes, que têm vivido desamparados em relação a toda violência cometida contra eles? **Faz-se necessário que a igreja alce sua voz e se posicione a favor daqueles que não têm voz na sociedade.**

**Em termos legais, as crianças e adolescentes devem estar protegidos em todos os espaços pelas leis que garantem seus direitos.** A Constituição Brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Convenção dos Direitos da Criança (CDC), nessa área, têm como base, a teoria da universalidade dos direitos humanos e dos direitos peculiares à pessoa em desenvolvimento. O artigo 227 da Constituição e o artigo 4º do ECA (que o transcreve) definem

ªA OIM - **Internacional** para as Migrações define como criança migrante qualquer pessoa menor de 18 anos de idade que esteja se movimentando, ou tenha se movimentado, através de fronteira internacional ou dentro de um Estado, longe de seu lugar de residência habitual, independentemente de sua situação jurídica, de seu deslocamento **voluntário ou involuntário**, das causas migratórias e da duração de sua estadia.

No Mercosul, reconhece-se que o marco normativo e institucional de proteção integral da infância sempre tem prioridade, ou seja, **considera-se primordialmente a condição de criança antes que a situação migratória.** Fonte: [http://escola.mpu.mp.br/h/rede-de-capacitacao-a-refugiados-e-migrantes/atividade-em-curitiba/apresentacoes-oficinas/oficina\\_criancas-migrantes\\_curitiba.pdf](http://escola.mpu.mp.br/h/rede-de-capacitacao-a-refugiados-e-migrantes/atividade-em-curitiba/apresentacoes-oficinas/oficina_criancas-migrantes_curitiba.pdf)

os direitos da população infanto-juvenil brasileira, bem como os responsáveis por garanti-los: É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público, assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária (ECA, 1990).

A violação desses direitos constitui-se, pois, em violência delituosa no Código Penal. Segundo o ECA, em seu artigo 5º: Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (ECA, 1990).

***Embora a igreja tenha sido concebida como um espaço de crescimento e desenvolvimento para as crianças, ela pode se constituir também em um espaço de risco, se permitir que aconteçam atos de abuso e violência por parte de seus colegas (criança x criança) ou dos próprios professores/líderes de ministério. Como forma de garantir a proteção integral à criança, é fundamental que haja oportunidades de reflexão e discussão sobre como prevenir a violência, e capacitação nesses espaços de atendimento ao público infanto-juvenil.***

Seguem algumas sugestões e recomendações para a igreja local ser um lugar seguro.



### **Boas práticas para a prevenção de violência e proteção de crianças e adolescentes:**

- 1. Ser uma igreja “amiga”:** A igreja precisa ser um ambiente em que as crianças e adolescentes se sintam amados e valorizados. Praticar uma escuta ativa (ouvir e compreender a mensagem que eles transmitem, com interesse) é fundamental para cultivar vínculos.
- 2. Proporcionar capacitação para os líderes do ministério infantil:** É de grande importância que os líderes sejam sensibilizados e entendam a necessidade das crianças e dos adolescentes serem protegidos e amparados, em qualquer condição em que se encontrem.
- 3. Envolver os pais/responsáveis no processo de proteção:** Os pais/responsáveis precisam ser capacitados e instrumentalizados para uma ação preventiva contra a violência infantil, ou seja, perceberem indícios de violência contra seus filhos e saber como agir diante dessa situação.
- 4. Estar atento às atitudes e comportamentos dos cuidadores/líderes:** Pessoas que praticam violência sexual em crianças não parecem ser diferentes e são muito convincentes. Elas procuram frequentar os lugares onde podem ter acesso fácil às crianças, especialmente, onde existe uma posição de confiança, da qual possam se utilizar.
- 5. Adotar procedimentos básicos para as suspeitas de violência:**
  - Tomar nota de qualquer suspeita referente ao bem-estar das crianças;
  - Conversar, particularmente, com a pessoa suspeita;
  - Colocar outra pessoa para supervisioná-la durante todo o tempo;
  - Exercer ação disciplinar ou exclusão do grupo, caso não haja correção.

As situações suspeitas devem ser monitoradas continuamente. Qualquer cisma, sobre um professor ou voluntário, deve ser seriamente considerada; mas, a pessoa referida, deve

ser tratada com respeito e dignidade, durante qualquer investigação, reconhecendo que a ofensa causada por tal alegação pode ou não ser verdadeira.

#### 6. Agir com conhecimento e cautela diante de alegações de abuso:

- Relatar as preocupações ao responsável, na igreja, pela proteção da criança;
- Junto com os responsáveis, estudar as suspeitas, e, de acordo com as orientações legais, verificar que encaminhamentos serão necessários;
- Verificar com a liderança quais os passos para a formalização da denúncia aos órgãos competentes;
- Ajudar, para que as decisões tomadas sejam executadas prontamente, protegendo, assim, a criança; dar suporte a todas as pessoas envolvidas que possam estar numa situação difícil.

**7. Estabelecer normas de comportamento e uma política de proteção à criança:** É necessário estabelecer normas de comportamento para os professores/voluntários que trabalham com crianças. Além disso, recomendamos que a igreja construa sua própria política de proteção à criança e adolescente (PPCA), isto é, um documento que contém diretrizes e orientações sobre como as crianças devem ser protegidas, para que haja um ambiente mais seguro na instituição.

### Considerações finais

É fundamental que os membros das igrejas sejam sensibilizados e capacitados para lidar com as questões da violência, e busquem todas as formas para proporcionar um ambiente seguro às crianças. Segurança e proteção fazem parte da vida dos seguidores de Jesus.



## Convite à Ação

**ORAR:** Ore para que Deus mostre à sua igreja as áreas nas quais precisa trabalhar para se tornar protetora das crianças e adolescentes.

**MEDITAR:** Erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados. Erga a voz e julgue com justiça; defenda o direito dos pobres e dos necessitados” Pv 31:8-9 NVI

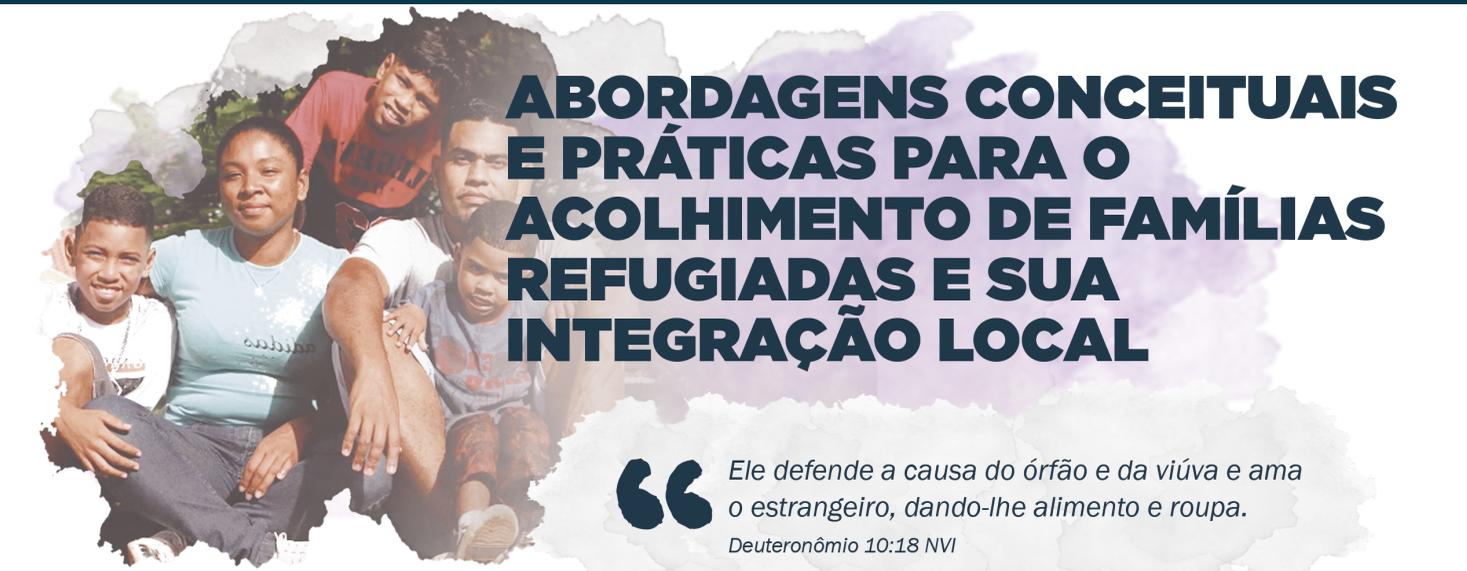
**REFLETIR:** “Como forma de garantir a proteção integral à criança, é fundamental que haja oportunidades de reflexão e discussão sobre como prevenir a violência, e capacitação nesses espaços de atendimento ao público infanto-juvenil”.

**AGIR:** De que formas a igreja pode discutir e ser capacitada para proteger integralmente as crianças, principalmente as que estão em situação de vulnerabilidade como as refugiadas?



**Autora**  
**Terezinha Candieiro**

É missionária pela Junta de Missões Mundiais, tendo servido no Uruguai por 2 anos e em Moçambique por quase 15 anos. Desde 2005 exerce a função de coordenadora geral do PEPE, programa missionário/socioeducativo nos campos de Missões Mundiais. Formada em Teologia com especialização em Educação cristã e em Pedagogia com especialização em Magistério e Orientação Educacional; Pós graduação em Projetos Sociais, Gestão e Perspectivas; Mestrado em Desenvolvimento Integral da Criança; capacitadora do Programa Claves Brasil na prevenção de violência contra crianças, na metodologia “Brincando nos fortalecemos para enfrentar situações difíceis”. Possui certificação Internacional em Gestão de Projetos Sociais pela APMG Internacional.



# ABORDAGENS CONCEITUAIS E PRÁTICAS PARA O ACOLHIMENTO DE FAMÍLIAS REFUGIADAS E SUA INTEGRAÇÃO LOCAL



*Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa.*

*Deuteronômio 10:18 NVI*

## Débora Fahir

Os refugiados, ou migrantes internacionais forçados, carregam em si mesmos as noções de transitoriedade e temporalidade; eles se situam entre o país de origem e o país de destino. Ao transitar entre os dois universos, ocupam posição marginal, tanto em termos identitários como culturais e sociais; assentada na falta de pertencimento pleno, enquanto membros da comunidade receptora e nos vínculos com a comunidade de origem<sup>[1]</sup>

A integração local <sup>[2]</sup> pode ser uma opção de solução duradoura e uma chance de construir uma nova vida, ou seja, quando a família refugiada encontra uma casa no país acolhedor e integra-se à comunidade local. Tal integração deve ser construída obedecendo um longo processo, dinâmico e capaz de lidar com variáveis de complexa realização, desafiadora implementação e cuidadosa efetivação. **É nesse estágio que se percebe as tensões e ansiedade que provocam o choque cultural – quando uma pessoa tem que conviver em uma diferente e desconhecida cultura ou ambiente social.** Tal processo de integração propõe a adaptação do refugiado e da comunidade receptora. Isso engloba a reflexão e atos de mudança de valores, de normas e de comportamentos, tanto do refugiado como da comunidade local.

Desde que tivemos o privilégio de oferecer acolhimento a famílias refugiadas no Programa Reconstruir, temos participado intensamente do seu processo de integração local. Somos testemunhas do grande desafio de sobrevivência a que foram submetidos, ao ouvirmos suas histórias de vida. Há perdas, lutos e o medo vivido no processo de deslocamento forçado.

Através de uma pequena equipe, porém muito ativa e competente, oferecemos aconselhamento e apoio espiritual através do serviço de capelania. É a partir do atendimento específico e a escuta da história de vida de crianças, mulheres e homens, em grupos separados, que alcançamos a necessidade individual. O impacto desses atendimentos tem sido visível e provocado mudanças de comportamento na área emocional e familiar. Promovemos, também, acesso a serviços de saúde, educação, aprendizado da língua, apoio na regularização dos documentos pessoais e da moradia, na inserção ao mercado de trabalho, assim como, aquisição de direitos sócio assistenciais.

28 Somos presenteados cada vez que uma **família alcança sua própria autonomia e a capacidade de independência comportamental**. Ao chegarem no Vale da Bênção, as famílias dividem sua moradia com outra família. Há aquelas que têm capacidade de manter bom e sadio relacionamento interpessoal, capacidade de estabelecer boa organização da casa, pontualidade e responsabilidade nos compromissos agendados com a área de saúde, em eventos e programações oferecidas. Apresentam capacidade de cuidar e educar bem seus filhos; ganhando, com isso, confiança e respeito nos relacionamentos externos, considerados os primeiros passos na integração local. Entretanto, há algumas que precisam de visitas constantes da equipe para conseguir entender a dinâmica do Programa Reconstruir, bem como os direitos e deveres da convivência no Brasil.



### **Vejamos dois casos reais e distintos como exemplo:**

**a)** Recebemos uma família composta de um casal e dois filhos que se adaptou rapidamente. O esposo é portador de deficiência física (beneficiário do direito sócio assistencial – LOAS), é um homem organizado no cuidado com a casa e com as crianças. A esposa foi logo inserida no mercado de trabalho, no segundo mês do acolhimento. Os filhos são participativos na escola pública e no programa de contraturno escolar - Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, mantido pelo Vale da Bênção. Inclusive, fomos surpreendidos pela capacidade de aprendizagem do filho mais velho, o qual assimilou rapidamente o português, chegando a ganhar dois concursos educativos (poesia e desenho).

**b)** Em outro momento, recebemos uma família composta de um casal e três filhos, na qual encontramos pontos de dificuldades de adaptação cultural. Este caso nos alertou sobre a importância de buscarmos cada vez mais capacitação técnica. A família tinha dificuldades em respeitar regras simples da casa, como: horários e presença nos compromissos agendados. O esposo apresentou maior dificuldade na inserção ao mercado de trabalho, até que, finalmente, teve uma oportunidade de emprego. Desligaram-se do Programa Reconstruir sem autorização e sem acompanhamento do processo de desligamento. O esposo havia sido orientado a não adquirir um celular, porém o adquiriu. Pouco tempo depois, a loja mandou um oficial para a cobrança, mas o homem já havia se desligado do Programa. Não respeitando as regras do local em que trabalhava, foi demitido. Depois, em um segundo emprego, entrou em desavença com o proprietário, novamente sendo demitido. Foi orientado a não trazer familiares, pois não tinha condições de cuidar deles; mas não aceitou a orientação e os trouxe. Houve brigas com esses familiares, pois estes trouxeram dívidas financeiras para a família.

**Estes exemplos comprovam que uma boa integração local fortalece o sentimento de segurança e pertencimento à comunidade; e, que, então, automaticamente, há benefícios mútuos, tanto para o refugiado como para a comunidade que o acolheu.**

É a partir de boas práticas de acolhimento familiar de refugiados, oferecendo base para a integração local, que queremos seguir recebendo e amando nossos irmãos! Sabemos, porém, que temos muito a aprender neste processo, mas estamos vivenciando a cada ano uma maturidade crescente nesse quesito.

<sup>[1]</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: USP, 1988.

<sup>[2]</sup> O termo *Integração Local*, segundo Castles, faz referência ao processo que se desenvolve quando o refugiado passa a interagir em novo contexto, no país de destino, em meio à comunidade receptora. Kuhlman a define como processo mediante o qual os refugiados mantêm sua própria identidade, e, também, se tornam parte da sociedade acolhedora à medida que passam a conviver juntos com a população local de modo aceitável.



## Convite à Ação

**ORAR:** Ore para que a igreja seja instrumento de amor, acolhimento e integração de famílias migrantes e refugiadas.

**MEDITAR:** “Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa.” Dt 10:18 NVI

**REFLETIR:** Os refugiados, ou migrantes internacionais forçados, carregam em si mesmos as noções de transitoriedade e temporalidade; eles se situam entre o país de origem e o país de destino.

**AGIR:** Reflita nos dois casos citados, que aconteceram no Programa Reconstruir (acolhimento institucional). Como a igreja pode se preparar para colaborar na integração local sem expectativas?



**Autora**  
**Débora Fahur**

*Psicóloga e especialista em Gestão e Empreendedorismo Social. Diretora de Programas Sociais da Associação Educacional e Beneficente Vale da Bênção. Conselheira da RENAS - Rede Evangélica Nacional de Ação Social.*



# REFUGIADO E IGREJA: APRENDIZADOS PARA PROMOVER INTERDEPENDÊNCIA NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO



*Da multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração. Ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham.*

*Atos 4:32 NVI*

**Pastor Amauri Oliveira**

Ser um lugar de refúgio é uma honra para a igreja. Hoje somos cidadãos do reino dos céus, mas chegamos aqui como refugiados. Fomos acolhidos e inseridos. O mínimo, que se espera de nós, é que façamos por eles o que Deus nos fez um dia.

Pela graça de Deus, na Igreja Presbiteriana da Penha em São Paulo - SP, temos acolhido de diversas formas muitos migrantes e refugiados. Atualmente temos famílias indianas, paquistanesas, bolivianas, peruanas, cubanas, entre outras, congregando em nossa comunidade. Esta oportunidade tem se dado ao longo dos anos pelo fator histórico-geográfico da cidade de São Paulo (que recebe, há décadas, centenas de migrantes) e, também, pela visão que tenho procurado implantar na igreja para alcançar a todos do bairro.

Como nossa comunidade é muito grande, temos uma equipe que nos dá a oportunidade de realizar atividades multiculturais. Algumas delas são: classes em inglês na EBD – Escola Bíblica Dominical, formação de um ministério hispano (cultos e EBD's em espanhol) e apoio documental aos refugiados. Para tal, é preciso não só capacidade técnica, como também vontade de aprender e atuar com o coração nesta área multicultural. Às vezes, preciso confrontar (e ser confrontado) neste relacionamento com as famílias migrantes e refugiadas, sempre procurando manter a Palavra de Deus como norte.

Pessoalmente, tenho me envolvido na ajuda mensal de aluguel a uma família paquistanesa, com doação de alimentos, atendimento de aconselhamento, discipulado, aula de português e acolhimento com amizade; recebendo alguns em casa para confraternização e construção de relacionamento mais próximo.

Tanto no relacionamento pessoal quanto ministerial, tenho algum aprendizado para compartilhar:

<sup>11</sup>Que permite inserir refugiados que falam inglês e abençoar irmãos que desejam aprender a língua.

<sup>12</sup>Meu primeiro envolvimento foi com os imigrantes na região da Penha, há vinte anos. E, nos últimos nove anos, mais intensamente, com os refugiados.

<sup>13</sup>Hoje já temos um seminarista boliviano que foi fruto deste ministério e hoje está semeando entre os hispanos da região.

<sup>14</sup>Apoiamos irmãos a trazerem familiares, hoje somos abençoados por ter suas famílias aqui na igreja.



- A igreja local precisa entender o acolhimento a refugiados como sua missão e não apenas como um departamento. Não funciona bem quando parte da igreja faz força na direção do acolhimento e parte da igreja tem medo, rejeição ou indiferença a estrangeiros. A tendência de muitos cidadãos locais é olhar tanto para imigrantes como para os refugiados como uma ameaça “Vão roubar nossos empregos, vão gerar violência, vão trazer doenças”; estes e outros pensamentos mesquinhos terão que ser combatidos; pois uma igreja, lugar de refúgio, tem que entender a ordem divina e amar o estrangeiro de fato.

- Façam por amor e não por interesse: o amor deve ser a marca de uma igreja que acolhe refugiados; porque, geralmente, eles vêm de um contexto de perseguição e guerra, que são marcas do ódio. Normalmente, o imigrante tem expectativa de melhores condições de vida e até de melhores ganhos financeiros; já o refugiado, ele vem de uma situação de luta pela sobrevivência, de fuga de violência por perseguição política ou religiosa, contextos de guerra e coisas assim; logo, estão carentes de demonstrações de amor. O problema aqui é que, algumas vezes, o refugiado é acolhido de forma utilitarista, em busca de autopromoção ou até de intenções escusas e financeiras. Essa é a pior coisa que pode acontecer a um refugiado; é como se o ditado “saiu o espeto e caiu na brasa” se cumprisse neles; pois são pessoas em grave condição de vulnerabilidade, morando agora num lugar diferente, cultura diferente, leis diferentes, língua diferente; um mundo novo e desconhecido para a maioria deles. Além do mais, para a grande parte, a mudança foi repentina e sem preparação prévia, com grandes perdas financeiras; então, serem amados verdadeiramente é o começo da cura em sua alma.

- Todo nosso empenho no acolhimento tem que estar focado no final do processo em gerar independência; pois o contrário, a dependência, fará mal ao refugiado e à igreja acolhedora. O Refugiado não pode ser visto como uma espécie de objeto de estimação da igreja; e, sim, como um novo indivíduo ou família que se inserirá em nosso sistema social e andará por si o mais breve possível. O ideal é, logo na recepção, uma previsão quanto ao tempo da ajuda e quais as ações que serão desenvolvidas ao longo do processo, já sinalizando a independência deles no final. Muitos se tornam de ‘ajudados’ em ‘ajudadores’ de outros refugiados que ainda surgirão.

- Crie uma rede de apoio (ou se acerque de uma). A igreja não pode deter o refugiado como exclusividade dela. Na verdade, eles precisarão de auxílio com emprego, móveis, lugar para morar, roupas, dinheiro, atendimento médico, remédios, apoio psicológico; orientação jurídica, espiritual, acadêmica e vocacional, ou seja, em todas as direções da vida, o que levará a igreja a esgotar rapidamente sua capacidade de ajuda. Daí a vantagem de fazer parte de uma rede de apoio e socorro a refugiados. A igreja encontrará parceiros que somarão; e, o resultado na vida dos acolhidos será mais rapidamente percebido.

32 Já se completam vinte anos que Deus tem me proporcionado a experiência de ser bênção e ser abençoado pelos migrantes e refugiados. **Tenho aprendido que a interdependência é um processo longo, mas possível e saudável para a igreja e as famílias acolhidas.** Esta experiência tem trazido um renovo à minha fé e compreensão de que os movimentos de diáspora, que Deus tem permitido nos últimos anos, são um sinal de que em breve todas as nações, tribos, povos e línguas estarão juntos diante do trono e do Cordeiro (Ap 7:9-11 NVI).

## Convite à Ação

**ORAR:** Ore para que a igreja brasileira deseje ser abençoada pelos migrantes e refugiados.

**MEDITAR:** “Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé, diante do trono e do Cordeiro [...]” Ap 7:9 NVI

**REFLETIR:** “Hoje somos cidadãos do reino dos céus, mas chegamos aqui como refugiados. Fomos acolhidos e inseridos. O mínimo, que se espera de nós, é que façamos por eles o que Deus nos fez um dia.”

**AGIR:** Você consegue pensar em cinco maneiras pelas quais os refugiados podem ser uma bênção para a igreja local?



**Autor**  
**Pastor Amauri Oliveira**

*Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil há 29 anos. É bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Nicodemus Eller e pelo Instituto de Teologia Aplicada - INTA e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É também palestrante em eventos de casais e famílias no Brasil e no exterior, e autor dos livros “Arrume sua casa” e “Álbum de família: o caminho para a cura e restauração da família”. É casado com Márcia Beatriz há 27 anos, é pai de Isabela, Amauri Junior e Gabriela. Atualmente é pastor titular da Igreja Presbiteriana da Penha em São Paulo/SP.*





# EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO NA COMUNIDADE EVANGÉLICA VALE DA BENÇÃO EM SÃO ROQUE/SP

“

“Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram [...]”

Mateus 25:35 NVI

## Pastor Tércio Freire

Uma comunidade de fé, testemunho e serviço que está há quinze anos sinalizando o Reino de Deus. Somos uma igreja de porte médio, com pessoas muito comprometidas com a Palavra e com forte ênfase nas demandas da cidade.

Em 2018, acompanhando a crise humanitária da Venezuela e de outros países, e a chegada de refugiados ao interior de São Paulo, entendemos que precisávamos cumprir o mandato bíblico de acolher o estrangeiro. Como pastor da igreja, trouxe a temática para os membros, apresentando os desafios e oportunidades de caminharmos com o Programa Reconstruir. **Fomos aproximando a igreja** através de visitas, doações de itens domésticos, ofertas financeiras e desenvolvimento de atividades, como: ceia de natal, aniversários, entre outros.

Através desta aproximação com a organização, conhecemos a família de Danilo e Yasmin\*, com suas filhas. Decidimos acolhê-los na cidade, após a saída do Programa Reconstruir. Como igreja, **colaboramos nos primeiros passos** para sua introdução na rede de educação e saúde da cidade, busca de moradia, apoio psicológico, espiritual e financeiro (este, a partir de um fundo da igreja) e na inserção trabalhista de Danilo \* em um supermercado da cidade.

O acolhimento na igreja local deu-se a partir de uma lógica, na qual entendemos o **‘papel da igreja’ e o ‘papel da organização social’** (que participa da Operação Acolhida, realizado pelo Governo Federal, juntamente com a ACNUR, acompanhando o processo até a chegada na casa de acolhimento).

Temos percebido que, trabalhar com a organização, nos ajuda a ter um foco; também nos permite envolver com outras igrejas. Assim, desenvolvemos atividades com a Igreja Evangélica da Vila Irene e com a Igreja Metodista de São Roque; dessa união, nasceu o grupo “mulheres sem fronteiras”; no qual, as irmãs articulam ações de apoio a famílias refugiadas.



### Eis alguns desafios que aprendemos:

- Dar o protagonismo para a família, ouvir e estar atentos às demandas. É importante dar tempo para a experiência do acolhimento ir acontecendo na igreja de forma madura e participativa da família. Respeitar seu direito de tomar suas decisões e se resolver diante de situações difíceis. Assim, eles vão crescendo, se efetivando e compreendendo seus direitos e deveres no relacionamento comunitário na cidade, na igreja e na família.
- Acolher faz com que a comunidade seja revitalizada sempre, pela alegria de cumprir o mandato bíblico.
- Não caminhar sozinhos. Muitos irmãos têm dons e talentos, há profissionais com competências técnicas que podem ajudar. Se possível, crie um comitê. Talvez nem todos se interessem pelo tema, mas caminhem no que for possível.
- Conhecer a rede de proteção da sua cidade (CRAS - Centro de Referência da Assistência Social, CREAS - Centro de Referência Especializado da Assistência Social, CRAI - Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes, Secretaria Municipal de Direitos Humanos, sistema de saúde, jurídico, etc).
- Introduzir o tema de migração e refúgio a partir da Bíblia; e, também, das notícias e materiais atuais.
- Ser parceiro de uma organização; acolher de forma direta pode ser difícil. Vá ganhando maturidade, sem pressa. Deus vai direcionar onde, especificamente, a igreja pode atuar.

Minha oração é que sua igreja seja movida pelo Espírito Santo no cumprimento do mandato bíblico.



## Convite à Ação

**ORAR:** Ore para que Deus lhe mostre o próximo passo para ajudar os refugiados que precisam de uma comunidade de fé amorosa.

**MEDITAR:** “Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram [...]” Mt 25:35 NVI

**REFLETIR:** Como a inserção das famílias refugiadas na igreja local aumenta a possibilidade de integração com sucesso na sociedade?

**AGIR:** Como membro da igreja, traga os desafios e oportunidades de cuidar de refugiados para sua comunidade de fé.



**Autor**

**Pastor Tércio Sá Freire  
de Oliveira**

*Pr. Tércio Sá Freire de Oliveira é Diretor de Programas Sociais da AEBVB e pastor da Comunidade Evangélica Vale da Bênção em São Roque-SP. Presidente da Sociedade Bíblica Internacional - SBI/ Brasil. Membro da Coordenação Nacional da Rede Evangélica de Ação Social - RENAS. Presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA - Araçariçuama-SP.*

# Symplä Participe do Curso Online!

## **Igreja, lugar de refúgio: acolhimento e integração a refugiados na igreja local**

Esperamos que tenha desfrutado do conteúdo desta cartilha e se sinta motivado(a) a prosseguir estudando sobre a temática de acolhimento e integração de refugiados na igreja.

- ▶ **Gratuito**
- ▶ **Modalidade à distância** (plataforma Sympla Play)
- ▶ **Autodidático** (você pode administrar o tempo para assistir às aulas)
- ▶ **Certificado online** gerado ao final do curso. (4 horas)

**Acesse o curso em: [valedabenciao.org.br/cursorefugiados](http://valedabenciao.org.br/cursorefugiados)**

Vídeo-aulas de curta duração, ministradas pela professora **Mayra do Prado**.  
**As aulas irão reforçar e aprofundar as temáticas tratadas nos capítulos da cartilha.**

## **Sites interessantes**

### **Dados nacionais e internacionais**

- ACNUR: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados [www.acnur.org/portugues](http://www.acnur.org/portugues)
- OIM- Organização Internacional para as Migrações [www.brazil.iom.int](http://www.brazil.iom.int)
- Dados Nacionais Sobre Refúgio [www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio](http://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio)
- Dados Nacionais sobre migração [www.justica.gov.br/seus-direitos/migracoes/portaldeimigracao.mj.gov.br/pt](http://www.justica.gov.br/seus-direitos/migracoes/portaldeimigracao.mj.gov.br/pt)
- Observatório das Migrações - SP [www.nepo.unicamp.br/observatorio](http://www.nepo.unicamp.br/observatorio)
- Operação Acolhida (força-tarefa na fronteira) [www.gov.br/acolhida](http://www.gov.br/acolhida)

### **Materiais Bíblicos e teológicos**

Campanha como nascido Entre Nós [pt.comonacidoentrenosotros.org](http://pt.comonacidoentrenosotros.org)  
Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br)

### **Materiais de informações sobre direitos (saúde, educação, documentos,etc)**

- Cáritas Arquidiocesana de SP [www.caritassp.org.br/servico-de-acolhida-e-orientacao-para-refugiados](http://www.caritassp.org.br/servico-de-acolhida-e-orientacao-para-refugiados)
- Plataforma Help Acnur (multilíngue) [help.unhcr.org/brazil](http://help.unhcr.org/brazil)
- Plataforma de empresas: [www.empresascomrefugiados.com.br](http://www.empresascomrefugiados.com.br)
- Brasil: País de migração (site de notícias): [www.oestrangeiro.org](http://www.oestrangeiro.org)
- Migra Mundo (site de notícias): [www.migramundo.com](http://www.migramundo.com)
- Instituto Migrações e Direitos Humanos [www.migrante.org.br/cartilhas](http://www.migrante.org.br/cartilhas)

# Famílias Acolhidas, Igrejas Abençoadas!

**“Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” Efésios 2:19 NVI**

A igreja de Cristo tem o privilégio pela graça de ser cidadã dos céus. E este privilégio de estarmos ligados à família de Deus deve nos levar a proclamar as Boas Novas do Evangelho ao nosso próximo.

As famílias migrantes e refugiadas podem ser alcançadas pela bênção através da igreja, e assim, ser fonte de bênção também. Pense na sua cidade e na sua região: há quantas igrejas cristãs espalhadas? São às vezes incontáveis!

A igreja brasileira tem grande potencial para abraçar famílias refugiadas. Cada uma da sua forma, no seu tempo, mas sempre focadas em cumprir a expansão do Reino de Deus.

Nossa ORAÇÃO: Que cada família atendida no Programa Reconstruir seja acolhida em uma igreja. Entendemos que muito além dos direitos básicos (alimentação, saúde, educação), cada família tem a necessidade de um acompanhamento espiritual e fraterno, e viver junto à família de Cristo.

Nosso SONHO: uma família refugiada em cada igreja! ORE conosco por este sonho.  
Se ENVOLVA conosco neste grande sonho.

Estamos trabalhando no despertamento de igrejas em nossa região. Anualmente, também promovemos um evento de capacitação (Fórum Refugiados) para despertar pessoas e igrejas para a causa do Refugiado. Cremos que a Sua Igreja, em diferentes regiões do Brasil, têm todo potencial para colaborar com uma integração saudável de famílias na sociedade brasileira.

**“Na Igreja ninguém é estrangeiro, porque ela abraça ‘todas as nações, raças, povos e línguas’ (Ap 7:9 – adaptado e interpretado)”.**

**O Programa Reconstruir funciona através de abrigo temporário por um período de até 6 meses.**

**Oferecendo o aprendizado da língua portuguesa, noções sobre a cultura brasileira, economia familiar, apoio psicológico e espiritual, encaminhamento para a rede sócio assistencial e para a regularização de documentos pessoais; como também, a inserção no mercado de trabalho.**

**Após o desligamento do programa, as famílias são acompanhadas até que se encontrem aptas para viverem com independência e autonomia na nova cultura.**

## PARCEIROS



Brasil



# AEBVB

Associação Educacional e  
Beneficente Vale da Bênção



**Acesse:**

**[valedabencao.org.br](http://valedabencao.org.br)**